

APRESENTAÇÃO

Andrezza Alves Velloso¹

Isadora Scórcio Rafael²

Mateus Roque da Silva³

Rafael Lucas Santos da Silva⁴

Wemerson Felipe Gomes⁵

Poucos escritores ocuparam, de maneira tão contínua e incontornável, o centro da vida cultural brasileira quanto Machado de Assis. Como observa Hélio de Seixas Guimarães (2017, p. 15), “o nome Machado de Assis de fato tornou-se problema crítico, cultural, social e político, na medida em que sobre ele se projetam discussões, disputas e polêmicas que têm tanto a dizer sobre a obra quanto sobre o papel da literatura e do escritor no processo cultural brasileiro”.

Essa centralidade faz de Machado de Assis um autor que não apenas “escreve o Brasil” com densidade e complexidade estética, mas que também “nos lê”, como sugere o estudo de Guimarães (2017). É nesse sentido que pensar Machado de Assis significa, inevitavelmente, interrogar as formas como o Brasil se pensou e se pensa. Como sugere o analista da história da recepção machadiana, no século XIX, era possível falar em um escritor de exceção, deslocado da realidade brasileira, cuja suposta neutralidade foi motivo de controvérsias; opinião que, em versões mais ou menos nuançadas, manteve-se presente nas rodas literárias por um longo período (Montello, 1998). Nas primeiras décadas do século XX, prevaleceu a imagem do “mito nacional”, consagrado como patrimônio literário nos seus funerais cívicos (Gomes, 2022) e no projeto cultural do Estado Novo. Até a década de 1970, Machado era frequentemente lido como um escritor de elegância formal, mais universal do que nacional, associado muitas vezes a uma perspectiva conservadora, cética ou mesmo pessimista.

¹ Doutoranda em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: andrezza.velloso@gmail.com ; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2920-0554>

² Mestranda em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: isadorascorcio@gmail.com ; Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7282-8240>

³ Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bolsista CAPES. E-mail: mateusroques@yahoo.com ; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2292-5197>

⁴ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: rafaellsilva.prof@gmail.com ; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1245-8284>

⁵ Doutorando em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Bolsista FAPEMIG. E-mail: wemersonfelipegomes@gmail.com ; Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8214-1938>

Com o processo de internacionalização e tradução de sua obra, consolidou-se a ideia do “Shakespeare brasileiro”, enfatizando sua universalidade e comparando-o aos grandes autores do cânone ocidental. Finalmente, a partir da crítica materialista de Roberto Schwarz e histórico-social de Raymundo Faoro, John Gledson, Alfredo Bosi e outros, emergiu o “realista complexo”, capaz de estabelecer princípios de estilização e formas literárias que dramatizam as contradições específicas da sociedade brasileira.

Nesse sentido, é importante destacar que o interesse crítico em Machado de Assis, quando se trata de pensar a relação entre história e literatura, não se limita à representação simplista de temas sociais ou históricos para configurar uma mera descrição da realidade, mas incide também, e de modo decisivo, sobre os procedimentos formais e estéticos por meio dos quais as contradições são dramatizadas literariamente a partir de um estilo próprio e único. A volubilidade narrativa, a ironia sistemática, os deslocamentos enunciativos e a construção de uma falsa universalidade, que é frequentemente sustentada por narradores que naturalizam privilégios e hierarquias, constituem operações centrais da escrita machadiana. A força histórica de sua obra reside, portanto, menos na representação direta do social do que na elaboração estética de estruturas narrativas capazes de explorar, com acuidade e desestabilização, os impasses da formação literária e social brasileira, unindo forma e conteúdo de uma maneira dialética poucas vezes observada em nossa literatura (Schwarz, 1977).

Como lembra Guimarães, as diversas figurações machadianas fazem parte de um processo que Roger Chartier, na esteira de Michel Foucault, denomina “função-autor”, entendida como resultado moldado por diferentes operações críticas, institucionais e culturais que buscaram atribuir unidade e coerência a sua obra, vinculando-a a uma identidade literária que, em grande medida, é produto histórico dessas disputas e consagrações (Guimarães, 2017, p. 15).

A relevância de retomar Machado de Assis hoje está, portanto, na vitalidade estética de sua obra e na possibilidade de revisitar, por meio dela, problemas cruciais para a história (cultural, social, política, econômica etc.) brasileira. Possibilidade que este Dossiê busca materializar ao reunir pesquisas que abordam as tensões entre literatura e sociedade; as relações entre forma e conteúdo, as articulações entre amor, traição e sociabilidade na vida burguesa oitocentista e sua relação estrutural com a sociedade brasileira; as figurações da escravidão, da desigualdade racial e de gênero que estruturam a experiência nacional; as tensões entre cultura erudita e popular; e a persistência de dilemas históricos.

Neste dossiê, um primeiro conjunto de textos examina as questões raciais e a escravidão. No estudo *Racismo e escravidão no conto “Mariana”*, Carmem Lúcia Lobo Gonçalves (UFRA) e

Marcelo Spitzner (UFRA) analisam como o conto evidencia as tensões raciais e o legado da escravidão, figurando a solidão e a subalternidade da mulher negra como núcleo simbólico de um país ainda estruturado por hierarquias de raça e classe.

No artigo *A escravidão em debate no romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”*, Fernando Rodrigues da Costa (USP) revisita capítulos centrais do romance para destacar como Machado inscreve a escravidão na estrutura narrativa e na volubilidade do narrador. Já em *Vida privada e ordem pública no outono do escravismo*, Nicole Dourado de Moraes (UFC) analisa *Memorial de Aires* como romance do ocaso da escravidão, em que a esfera doméstica absorve a crise histórica. O artigo mostra como o romance encena, na forma de diário íntimo, os acontecimentos de 1888 e 1889, tematizando o modo como a elite fluminense absorve as mudanças históricas sem que estas desestabilizem a sua posição de classe.

Já no artigo de Marcos Alexandre do Amaral Ramos Júnior (UNIRIO), *Machado de Assis e a questão racial: a formação da música popular brasileira e o recalque do maxixe em “Um homem célebre”*, propõe uma leitura partir da tensão entre cultura erudita e popular, demonstrando como a música popular afro-brasileira é figurada no conto como presença recalcada e, ao mesmo tempo, fundadora. Inspirado na psicanálise e nos estudos musicais, o autor identifica na tensão entre polca e maxixe a repressão da musicalidade afro-brasileira e a figuração literária das contradições da identidade nacional.

Em desdobramento, um segundo conjunto de artigos amplia a discussão para as expressões ideológicas e figurações da modernização. Em *Representação social e política em “Esau e Jacó”* (1904), Henrique Barros Ferreira (UFMG) evidencia o modo como Machado figura o divórcio entre discurso político e realidade social. A leitura mostra como Machado representa a elite do fim do Segundo Reinado, figurando a superficialidade das discussões políticas e a ausência de um projeto inclusivo de nação, a partir do caráter volúvel da elite e a permanência de uma política de aparências, em que a forma literária tensiona a superficialidade do liberalismo brasileiro. Guilherme de Souza Lopes (Unicamp), contribuindo com o debate, em *Ascensão da queda: a ironia como dispositivo histórico machadiano*, chama atenção para a ironia, enquanto estratégia retórica fundamental no estilo do autor, como meio para se desvelar as complexidades históricas do Brasil por meio de sua obra. A partir desta constatação, Guilherme Lopes analisa o conto “Lágrimas de Xerxes” (1899), onde acredita ser possível perceber como Machado estabelece certo entendimento interno de historicidade associado à ironia.

Charles Andrade (UFRRJ), em *A borboleta preta: uma metáfora para compreender o ceticismo machadiano em relação à ideia de progresso*, interpreta os capítulos XXX–XXXVI de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. O artigo articula dialeticamente a estética do romance às teorias liberais e científicas de sua época, mostrando como Machado inscreve em sua forma literária a crítica às promessas modernizadoras. O texto confirma, assim, a atualidade do autor, cuja ironia permanece uma ferramenta de desestabilização das ideologias liberais de progresso. Na sequência, voltando-se às questões de gênero, o artigo *A ópera de Capitu: as agregadas diante das transformações político-sociais do fim do império nos romances de Machado de Assis* (1870 – 1880), de Pollyana Paes Manhães (UFF), discute a posição feminina nos romances machadianos ao longo de duas décadas, perpassando obras como *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Casa Velha* (1885) e *Dom Casmurro* (1899).

Finalizando o presente dossiê temático, temos três artigos que buscam evidenciar como as tramas de amor, traição e reconhecimento, ao figurarem o jogo entre essência e aparência, revelam o modo pelo qual a ficção machadiana articula o cotidiano e a sociabilidade como experiências marcadas por relações de poder. O artigo de Brenda Lima dos Santos Lopes (FAMEESP) e Yls Rabelo Câmara (UECE), *Traição e sociedade de aparências na contística machadiana*, propõe uma análise comparativa dos contos “*A carteira*” e “*A cartomante*”, em que o tema da traição se desdobra como chave de leitura para a sociedade de aparências figurada por Machado. No artigo *O efeito das relações sociais em “O Espelho” e “Uma visita de Alcebiades”*, Sophia Assis Rodrigues (CEFET-MG) retoma a crítica de Machado às formas da visibilidade social e analisa como, nos contos em questão, o autor aborda o apagamento do ser e o mundo das aparências, evidenciando a formação de classe e as dinâmicas de visibilidade na sociedade carioca do século XIX. O artigo de Maria Letícia Sêrio Machado (UFMG), *Machadinho e o amor: a dimensão do afeto nos contos da primeira fase*, investiga a dimensão do amor nos contos da primeira fase do autor, em especial em *Frei Simão*. A análise mostra como os afetos, longe de serem idealizações românticas, são atravessados por estruturas de classe e de poder, confirmando a continuidade entre a chamada “primeira fase” e as obras mais maduras de Machado. O artigo revaloriza a produção inicial do escritor, revelando nela o embrião de sua complexidade estilística e crítica.

O dossiê inclui ainda uma contribuição que pensa Machado no ensino. Em *Experiências de letramento literário no ensino jurídico com “O enfermeiro”*, Margarida Pontes Timbó (UFC) e Francisco Ítalo Carneiro Fontenele (LEGALE) discutem a leitura de Machado como prática formativa no ensino do Direito, demonstrando, à luz do “direito à literatura”, de Antonio Candido, como o texto

literário pode ampliar a consciência ética e crítica do jurista, fazendo da palavra ficcional um exercício de cidadania.

Para além dos doze textos que compõem este dossiê, outros três artigos integram à sessão de artigos livres. No primeiro, *As respostas à gripe espanhola em Moçambique, 1918-1919*, Júlio Machele (UESC) analisa-se os impactos globais da doença, destacando, especialmente, o contexto africano, profundamente marcado pelo colonialismo europeu. Já no segundo artigo, *Do púlpito ao jornal*, de Jeniffer Yara Jesus da Silva (UEPA), volta-se para a construção dos discursos maçônicos por meio da literatura, destacando seus embates com a Igreja Católica e a sociedade civil. Finalizando o décimo primeiro número da Revista História em Curso, Adriana Moura (IFPA), Lucimara Dias (IFPA) e Mikelle Roland (IFPA), a partir do artigo *A representação da mulher em “O guarani” e “Senhora” de José de Alencar*, discutem os estereótipos atribuídos à figura feminina por meio da literatura brasileira oitocentista, lançando luz à trajetória de algumas personagens fundamentais da nossa cultura, como Aurélia Camargos e Cecília de Mariz.

Boa Leitura

Referências

GOMES, Wemerson Felipe. **Machado de Assis e a conspiração da posteridade**: funerais cívicos, necrologias, recepção crítica (1908-1909). 2022. 518 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Machado de Assis, o escritor que nos lê**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MONTELLO, Josué. **Os inimigos de Machado de Assis**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1998.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.